

## Complexos oracionais constituídos pelas construções com *onde* no Português do Brasil

### Resumo

Este trabalho contempla o complexo oracional constituído pelas orações com *onde*. Buscamos identificar as propriedades gramaticais associadas ao seu uso como elemento anafórico em retomada de categorias locativas e não-locativas. Para atingir tal objetivo, confrontamos as ocorrências de orações complexas cujas orações estavam interligadas por *onde* àquelas com orações vinculadas por um *SPrep* (configurado como (Prep) + (Art.) + QU + O). Os dados empíricos, extraídos de amostras controladas de textos escritos, de jornais de grande circulação nacional, foram analisados no espírito da sociolinguística variacionista de acordo com cinco variáveis independentes: tipo de oração, posição sintática das variantes, a preposição envolvida, configuração sintagmática do constituinte retomado pelas variantes e a categoria cognitiva a que remetem. Como arcabouço teórico, valer-nos-emos da proposta de Halliday (1985). Verificaremos quais são os processos de vinculação de orações presentes, isto é, como as orações se vinculam umas às outras e por quais processos.

**PALAVRAS-CHAVES:** complexo oracional; *onde*; processos de vinculação de orações; sociolinguística.

### 1) Processos de combinação de orações: Halliday (1985)

O constructo teórico de Halliday (1985) tem como base o complexo oracional – seqüência de orações interligadas –, para o qual encontramos uma taxonomia capaz de distinguir os tipos de orações “subordinadas”, sobre os quais voltamos nosso estudo, em especial, as orações subordinadas adjetivas *restritivas* e *não-restritivas*. Nesse modelo, o autor oferece critérios para a identificação dos processos de vinculação de orações. São eles: as *relações táticas* e as *relações lógico-semânticas*.

De acordo com o modelo de Halliday há dois tipos de interdependência: a *paratática* e a *hipotática*. No primeiro caso, a relação se estabelece entre elementos de mesmo estatuto, sem que um dependa do outro. No segundo, o estatuto dos elementos não é igual, isto é, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado.

Halliday também apresenta um mecanismo chamado *encaixamento*. Nesse mecanismo, uma oração funciona como elemento constituinte da estrutura de outra oração, ou seja, uma oração está encaixada na outra, ocorrendo uma dependência, tanto do ponto de vista da sintaxe como da semântica. A relação entre as orações é mais íntima, uma vez que entre elas há uma dependência sintático-semântica.

Em conformidade com a estrutura teórica proposta por Halliday (1985), restringiremos nossa análise a um complexo incluído nas relações por *Hipotaxe* (denominada pelas gramáticas de orientação tradicional de *explicativas*, para as quais preferimos o tratamento não-restritivas), que se configura através dos traços [+ dependência] e [- encaixamento] e, também, à relação por *Encaixamento* (na Gramática Tradicional recebe a denominação de orações *restritivas*), configurando-se através dos traços [+ dependência] e [+ encaixamento]. A seguir, apresentamos um quadro, no qual mostramos as relações mencionadas:

Relações entre Orações	Definição	Gramática Tradicional	Traços Distintivos
Parataxe	Relação entre elementos com estatuto igual, um iniciando e o outro continuando a seqüência.	Coordenação	[- dependência] [- encaixamento]
Hipotaxe	Relação entre elementos de estatuto desigual, um modificando o outro.	Orações Subordinadas Adverbiais e Adjetivas Explicativas.	[+ dependência] [- encaixamento]
Encaixamento	Uma oração como constituinte da outra.	Subordinadas Substantivas e Adjetivas Restritivas.	[+ dependência] [+ encaixamento]

Tabela 1: As relações entre orações e seus traços distintivos.

Como podemos observar, ao contrário do modelo tradicional, no modelo funcionalista, a “coordenação” e a “subordinação” não são vistas como categorias estanques e antagônicas. O modelo sobre o qual nos apoiamos para perfazer o estudo, nos leva à sugestão de um contínuo, que vai da *parataxe* (que possui os traços [- dependência] e [- encaixamento]), passando pela *hipotaxe* (com traços [+ dependência] e [- encaixamento]) até ao *encaixamento* (com os traços [+ dependência] e [+ encaixamento]), ou seja, a dependência sintática é menor na *parataxe* e maior no *encaixamento*.

Em se tratando do sistema de relações lógico-semânticas, Halliday (1985) postula que as relações entre os termos e orações são agrupadas em dois tipos fundamentais: a *projeção* e a *expansão*. O primeiro ocorre quando uma oração se projeta por meio de outra que a apresenta como uma locução, uma idéia ou um fato. Segundo o autor, a *projeção* é “a relação lógico-semântica entre orações que tem como função não uma representação direta da experiência (não-lingüística), mas a representação de uma representação (lingüística)” (p. 250). O segundo pode ser representado através de *elaboração*, *extensão* ou *realce*.

Estabelecendo uma correlação com o sistema de interdependência, o estudioso afirma que na *elaboração*, uma oração elabora o significado de outra oração, reformulando-a, especificando-a, comentando-a ou apresentando exemplos. A *elaboração* pode referir-se à primeira oração como um todo ou somente a uma parte dela. Esse tipo de relação lógico-semântica pode dar-se por *parataxe*, que é subdividida em *exposição*, *exemplificação* e *elucidação*; por *hipotaxe*, que se manifesta nas orações *adjetivas não-restritivas*; ou por

*encaixamento*, que é representada pelas orações *adjetivas restritivas* e pelas chamadas “cláusulas de contato” (Halliday, 1985: 243), sendo as duas últimas, a *elaboração* por *hipotaxe* e *encaixamento*, que nos interessam no presente estudo.

Em se tratando das *expansões* por *extensão* e *realce*, o lingüista considera que, no primeiro caso, uma oração estende o significado da outra oração, acrescentado algum elemento novo à mesma. No segundo, uma oração pode realçar o significado da outra oração, fornecendo algum traço circunstancial relativo a tempo, lugar, modo, causa ou condição. Nas palavras do autor: “*Here the relation between the embedded clause and the Head noun is a circumstantial one of time, place, manner, cause or condition*” (p. 245).

Como mencionado anteriormente, procuramos focar o fenômeno em estudo, analisando o processo de vinculação de orações e as relações lógico-semânticas que as construções com *onde* podem instanciar. Segundo Halliday, as orações *adjetivas não-restritivas* e *restritivas* se dão por *hipotaxe* e *encaixamento*, respectivamente, e instanciam o processo de *elaboração*. Essa afirmação será checada nos estudos que faremos no decorrer do trabalho.

Antes de passarmos às análises dos dados, gostaríamos de fazer algumas elucidações acerca das orações em que se encontra o fenômeno. Para isso, faremos, na próxima subseção, um breve percurso pela Gramática Tradicional e descreveremos como a mesma contempla tais orações. Da mesma maneira, apresentaremos a proposta teórica de Azeredo (2002), a qual adotamos na tentativa de aplicar um tratamento mais discursivo a estas construções.

## 1.2) Orações adjetivas restritivas e não-restritivas

Como as variantes *Onde* e *SPreps* ocorrem em orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas, consultamos algumas gramáticas, com a finalidade de trazer ao leitor a caracterização das referidas orações pelas gramáticas de Língua Portuguesa. Desta maneira, apresentaremos, a título de exemplo, a definição de Bechara (1999, p. 466-467), que segue a mesma linha de explicação (sempre apoiada em frases isoladas) presente em outras gramáticas:

*(...) a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na língua escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:*

*O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.*

*Repare-se em que a oração adjetiva que vinha a cavalo denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração que vinha a cavalo pode ser dispensada:*

*O Homem parou defronte da igreja*

*Já em*

*O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,*

*a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o “que vinha a cavalo” parou defronte da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama restritiva. (Grifos do autor)*

Esse tipo de postura em relação às orações subordinadas adjetivas explicativas e restritivas é consenso entre outros gramáticos, tanto na vertente descritiva, a saber: Moura Neves (2000), entre outros; quanto na prescritivista, como Cunha & Cintra (1985); Faraco & Moura (1999); Almeida (1997), Cipro Neto & Infante (1997) e Rocha Lima (1999), a título de exemplo.

Por considerarmos que o enfoque da Gramática Tradicional para a oposição restritiva *versus* explicativa (orações estas nas quais aparece a variante) era insuficiente para explicar a referida oposição, optamos por adotar um tratamento mais discursivo, analisando os contextos lingüísticos nos quais assomam nossas variantes. Assim sendo, buscamos a orientação teórica de Azeredo (2002), quando da classificação das orações em restritivas e explicativas. Este autor prefere um tratamento mais discursivo das mesmas, classificando-as como restritivas e não-restritivas, respectivamente. Nesse trabalho, defende que a oração explicativa, ao contrário do defendido pelas Gramáticas Tradicionais, apresenta muita informação em relação à oração principal e é de suma importância, dentro do contexto em que é utilizada, para compreensão da oração complexa como um todo, não podendo ser considerada como um mero “apêndice”. Nas palavras de Azeredo (2002: 90):

*As orações adjetivas se dizem restritivas quando, como adjuntos, contribuem para a identificação do ser a que se refere o antecedente e explicativas (melhor seria dizer não-restritivas) quando, ao contrário, são irrelevantes para a identificação. Isto não equivale a afirmar, como fazem muitos gramáticos, que as orações explicativas são ‘dispensáveis’ ao sentido da frase e que as restritivas lhe são ‘necessárias’. Conforme já observou Rodolfo Ilari, “há nisso, na melhor das hipóteses, uma formulação obscura de um critério válido” (Ilari, 1985, p. 20). Com efeito, se é verdade que uma oração explicativa não contribui para a identificação da pessoa/coisa a que o antecedente se refere, pode, contudo, ser fundamental para justificar algo mais que se declare a respeito desse antecedente. (Grifos nossos)*

O exemplo a seguir, retirado de sua obra (p. 90), ilustra sua afirmação:

(281) “Coitada de minha avó. (...) Logo ela, / que amava tanto a vida /, ... ia morrer.” (Nava, 1973, pp. 192-3) (Grifos do autor)

Vimos no exemplo do autor, que a oração não-restritiva ‘*que amava tanto a vida*’ é que dá sentido ao emprego do termo *logo*, com que o autor lamenta a morte de sua avó. Portanto, a oração não-restritiva é que contribui para aquele algo mais, a que o autor se refere, declarado a respeito do antecedente, no caso, ela = minha avó.

Esse tratamento discursivo em relação às orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas já é percebido em Halliday (1985), quando este menciona o tratamento quanto à classificação dessas orações, como podemos perceber nas citações que se seguem<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Todas as traduções, presentes neste trabalho, são de responsabilidade da autora.

*A combinação da elaboração por hipotaxe gera a categoria da ORAÇÃO RELATIVA EXPLICATIVA (também chamada de 'não restritiva', 'descritiva'). Ela funciona como um tipo de glosa descritiva para a oração primária, como em<sup>2</sup>:*

*They decided to cancel the show, which upset everybody alike. (p. 226-227)*

*O significado de uma oração encaixada, ou sintagma, que está funcionando como uma expansão é essencialmente definir, delimitar ou especificar. Assim, a expansão encaixada característica é a 'oração relativa definida' (também chamada 'restritiva'), como **that Jack built in the house that Jack built**. Sua função é especificar qual membro ou membros da classe designada pelo substantivo Núcleo, nesse exemplo **house**, é ou está sendo referido<sup>3</sup>. (p. 243)*

Optamos por essa escolha de um tratamento mais discursivo dessas orações, com a finalidade de contemplar os estudos sobre combinação de orações e aplicar seus pressupostos.

Feitas essas considerações acerca dos processos de combinação de orações, passaremos, então, aos resultados a que chegamos com nossas análises.

## 2) Os resultados

### 2.1) Orações adjetivas restritivas (encaixamento) e não-restritivas (hipotaxe)

Nesta subseção, examinamos as orações restritivas e não-restritivas que são vinculadas por meio de nossa variante. Essas orações complexas configuram processos de encaixamento, que apresentam os traços [+ dependência] e [+ encaixamento], e hipotaxe, que apresentam os traços [+ dependência] e [- encaixamento], respectivamente (Cf. Halliday: 1985). Do material selecionado para análise (editoriais e crônicas), extraímos 266 orações complexas, nas quais *onde* e *SPreps* fossem mutuamente intercambiáveis. Os exemplos que se seguem ilustram o tipo de relação de que estamos tratando e o tipo de alternância, proposta anteriormente, entre as variáveis: o encaixamento (1a/1b; 2a/2b) e a hipotaxe (3a/3b; 4a/4b), respectivamente:

(1a)

Hoje, sobrou apenas a psicose como bandeira, a melancolia como “denúncia” de uma vida sem solução. Nada que haja na Bienal nos choca mais que *uma explosão da discoteca* **onde** morrem 300 jovens, nada é pior ou mais crítico no mundo que homens-bomba ou a África ou a lama das favelas e periferias. (O Globo, 11/11/03)

(1b)

---

<sup>2</sup> *The combination of elaboration with hipotaxis gives the category of NON-DEFINING RELATIVE CLAUSE (also called 'non-restrictive', 'descriptive'). This functions as a kind of descriptive gloss to the primary clause, as in*

*They decided to cancel the show, which upset everybody alike.*

<sup>3</sup> *The meaning of an embedded clause, or phrase, that is functioning as an expansion is essentially to define, delimit or specify. Thus the characteristic embedded expansion is the 'defining relative clause' (also called 'restrictive'), like **that Jack built in the house that Jack built**. Its function is to specify which member or members of the class designated by the Head noun, in this instance **house**, is or are being referred to.*

Hoje, sobrou apenas a psicose como bandeira, a melancolia como “denúncia” de uma vida sem solução. Nada que haja na Bienal nos choca mais que uma explosão da discoteca na qual morrem 300 jovens, nada é pior ou mais crítico do mundo que homens-bomba ou a África ou a lama das favelas e periferias.

(2a)

Se essa história de "lei seca" não for apenas mais um factóide da Prefeitura de São Paulo, nós provavelmente estaremos diante de uma daquelas situações **em que** a turma da periferia será submetida a um determinado constrangimento --ainda que correto-- enquanto os abastados encontrarão um meio de escapar ao rigor. Ricos darem-se melhor do que pobres não é exatamente uma novidade na história universal, mas não há dúvida de que isso fere pelo menos o espírito do princípio republicano segundo o qual todos são iguais diante da lei. (Folha de São Paulo, 10/11/05)

(2b)

Se essa história de "lei seca" não for apenas mais um factóide da Prefeitura de São Paulo, nós provavelmente estaremos diante de uma daquelas situações **onde** a turma da periferia será submetida a um determinado constrangimento --ainda que correto-- enquanto os abastados encontrarão um meio de escapar ao rigor. Ricos darem-se melhor do que pobres não é exatamente uma novidade na história universal, mas não há dúvida de que isso fere pelo menos o espírito do princípio republicano segundo o qual todos são iguais diante da lei.

(3a)

Nesse contexto de mudanças, **onde** o próprio Iraque desempenha um papel, ainda que como contra-exemplo, registraram-se recentemente dois novos e significativos avanços. (Folha de São Paulo, 15/09/05)

(3b)

Nesse contexto de mudanças, **em que** o próprio Iraque desempenha um papel, ainda que como contra-exemplo, registraram-se recentemente dois novos e significativos avanços.

(4a)

A primeira providência, claro, pois, mesmo que não conste do projeto original, outro parlamentar não deixará de propor a emenda, será criar a Agência Nacional de Registro de Animais Domésticos, **cujos** cargos se preencherão criteriosamente, na próxima ocasião em que o governo precisar de votos na Câmara ou no Senado. Gerar-se-ão empregos e empregos a mancheias, bem como investimentos em instalações e equipamentos — injeção na economia. (O Globo, 12/09/04)

(4b)

A primeira providência, claro, pois, mesmo que não conste do projeto original, outro parlamentar não deixará de propor a emenda, será criar a Agência Nacional de Registro de Animais Domésticos, **onde** cargos se preencherão criteriosamente, na próxima ocasião em que o governo precisar de votos na Câmara ou no Senado. Gerar-se-ão empregos e empregos a mancheias, bem como investimentos em instalações e equipamentos — injeção na economia.

Os resultados estatísticos para esse grupo de fatores são apresentados no gráfico que se segue:

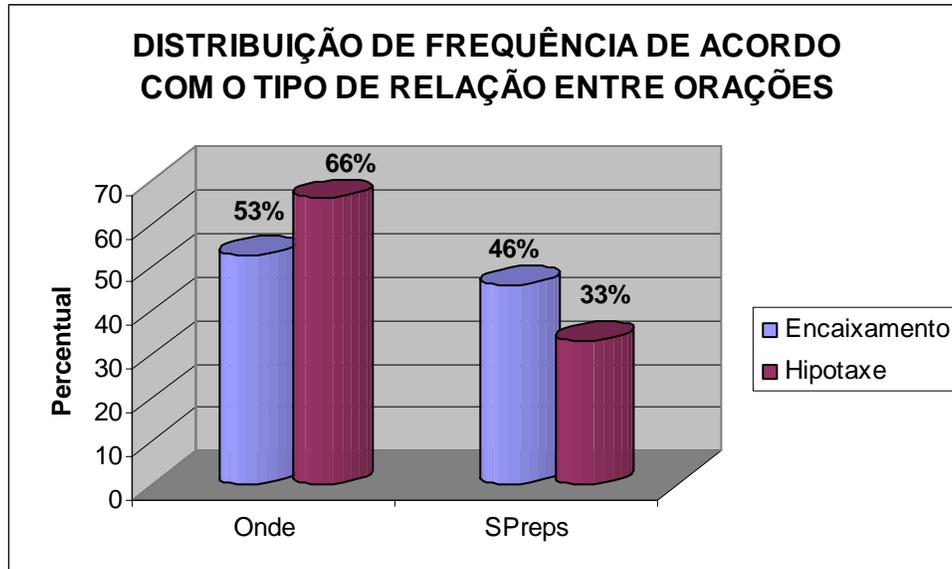


Gráfico 1: distribuição de frequência de acordo com o tipo de relação entre orações

Quanto ao tipo de oração em que ocorreram as variantes temos os seguintes resultados: as relações por encaixamento (*orações restritivas*) corresponderam a 76% (203/266) dos dados, ficando assim distribuídas: 53% (108/203) com *onde*; 46% (95/203) com *SPreps*. Nas orações em que a relação se deu por hipotaxe (*orações explicativas*), as quais corresponderam a 23% (63/266) dos dados, 66% (42/63) ocorreram com *onde*; 33% (21/63) ocorreram com *SPreps*.

Embora as diferenças percentuais não sejam muito grandes, os números revelam que as construções com *onde* tendem a instanciar-se por meio de *hipotaxe* e os *SPreps* por meio de *encaixamento* à oração que os antecede.

## 2.2) Função sintática das variantes: *Onde* e *SPreps*

Esta seção perspectiviza a função sintática das variantes, a saber: adjunto ou complemento do predicado verbal. Como analisamos as retomadas de *onde/SPreps* a entidades locativas e não-locativas, a expectativa era de que as construções com *onde* instanciassem mais a função sintática locativa ou de deslocamento espacial (sua função básica), funcionando como complementos de verbos como morar, viver, residir, etc. No entanto, a expectativa foi frustrada. Como veremos mais adiante, o fenômeno se comportou, em maior número, na função sintática de adjunto (118/264). Os exemplos abaixo, compilados de nosso corpus, ilustram os fatores mencionados, sendo (5) e (6) na função de adjunto; (7) e (8) na função de complementos de verbos ligados a moradia (lugar físico) e (9) e (10) na função de complementos de verbos de deslocamento espacial. Vale observar que o complemento de verbos de deslocamento espacial pode ser uma categoria não-locativa.

(5)

Eu vou te dar um exemplo de uma depressão muito grave para você entender a graduação. A maioria dos casos de depressão a gente chama de leve, que é sobre o que nós falamos há pouco, os sintomas que citei. Quando a coisa começa a complicar? Há alguns casos em que o indivíduo tem idéias delirantes, que são juízos falsos. Existe uma síndrome, que a gente chama síndrome de Cotard, durante a qual o indivíduo passa a se sentir tão mal que ele acredita que não tem o esôfago. Claro que é um falso juízo: se ele não tem o esôfago, ele não pode se alimentar, entendeu? E isso é gravíssimo, porque nesses casos a depressão não se trata somente com remédio, esses são casos em que, por exemplo, poderiam se beneficiar de um tratamento de eletrochoque. Outro exemplo: o indivíduo começa a achar que está com Aids, que foi contaminado. Então ele tem delírios que invadem a mente, a vida dele, ele passa a evitar usar coisas em comum, que os outros podem estar usando, ele começa a ter uma preocupação com contaminação, então passa a ter idéias paranóides e hipocondríacas. (Folha de São Paulo, 26/08/06)

(6)

Há pouco era o Lulu e agora é o Gangan. Mas não há "um" traficante, não há um indivíduo, há uma rede com milhares de empregados na multinacional do pó, na grande empresa do bate e cheira, onde os sócios são políticos influentes, gente da magistratura e drogadinhos de Ipanema. Morre um inimigo público e dez podem substituí-lo. A cada dia fica clara a incapacidade dos generais da luta contra o tráfico, que não conseguem nem proteger seus corajosos soldados. Porque os pms sobem os morros e morrem muitos, com filhos e esposas pobres, lutando pela paz dos ricos. (O Globo, 13/10/04)

(7)

Para minha surpresa, o que recebi como resposta aos meus anseios foi aquela famosa frase ' - Sente aqui que precisamos conversar...' Um calafrio correu em minha espinha e o inimaginável aconteceu. Ela decidiu que cada um iria em direção oposta ao outro. A decepção tomou conta de mim, pois aquilo que de bonito havia em minha vida, transformou-se em frustração. Eu me senti com a dor causada pelo fracasso gigantesco na Copa. Do alto de meus 37 anos, vejo que sou apenas mais um refém da situação caótica em que vivemos neste País de Ladrões, Políticos Corruptos e Governantes Marionetes... (O Globo, 11/07/06)

(8)

Vais para o Brasil por que não te quero na guerra. Quando chegares a S. Paulo, procura um tal de Vieira. Conheci-o há uns anos numa das feiras aqui. Não sei onde mora, não sei o que faz. Mas ele te ajudará. (Folha de São Paulo, 22/08/05)

(9)

Quatro meses de profunda crise política no Brasil ainda não foram capazes de retirar a política federal brasileira da vereda pela qual caminha há mais de uma década. A um ano da eleição presidencial de 2006, todas as pesquisas de intenção de voto mostram que o núcleo da disputa se dá entre o petista Luiz Inácio Lula da Silva e um candidato tucano (Folha de São Paulo, 09/10/05)

(10)

Será um desprezo digamos urinário sobre nós? Será que ele quer jogar água na fervura ou que tudo irá por água abaixo? O sítio é do papai Delúbio em Buriti Alegre e está sendo contestado como ilícito também. Na foto não aparece o carro tanque da prefeitura, coisa pública de onde vem a água privada e não se vê o Omega blindado comprado por 67 mil reais a vista. (O Globo, 18/10/05)

Esses exemplos ficam mais bem visualizados através da tabela abaixo:

Variantes	Adjunto	Complementos de verbos:	Complementos de verbos de	Total
-----------	---------	-------------------------	---------------------------	-------

			residir/morar		deslocamento espacial			
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
Onde	118	86	6	4	13	9	137	45
SPrep	122	94	4	3	3	2	129	43
Onde “latente”	24	70	6	17	4	12	34	11
Total	264	88	16	5	20	6	300	

Tabela 3: a função sintática das variantes.

A análise da tabela revela que, das 300 ocorrências, 137 ocorreram com *onde*, sendo 86% (118/137) na função de adjunto, 4% (6/137) na função de complementos de verbos como morar, viver, residir e 9% (13/137) na função de complementos de verbos de deslocamento espacial. Em se tratando dos *SPreps* 94% (122/129) ocorreram na função de adjunto, 3% (4/129) na função de complementos de verbos como morar, viver, residir e 2% (3/129) na função de complementos de verbos de deslocamento espacial. Quanto ao *onde* “latente” 70% (24/34) dos dados ocorreram na função de adjunto, 17% (6/34) na função de complementos de verbos como morar, viver, residir e 12% (4/34) na função de complementos de verbos de deslocamento espacial.

Os dados nos revelam que, as construções com *onde*, na função de adjunto, foi tão produtiva quanto os *SPreps*, característica que causou-nos surpresa, pois esperávamos, como já mencionado, que a esmagadora maioria se comportasse na função sintática de complementos que instanciassem lugar. Isso ratifica a tendência à retomada anafórica de *onde* a categorias cognitivas além de lugar.

### 2.3) Configuração sintagmática do constituinte retomado pelas variantes

Esta subseção compreende a análise da configuração sintática do constituinte retomado pelas variantes: se um SN (Sintagma Nominal) como nos exemplos (11) e (12), ou uma Oração como nos exemplos (13) e (14) a seguir:

(11)

Mas, entre nós, não. Nós nos comportamos muito mais como os súditos de um suserano medieval do que como cidadãos legítimos e detentores, conjuntamente, da soberania popular. Quando, faz algum tempo, publiquei aqui uma carta ao presidente da República, carta esta **em que** tive extremo cuidado para não desprezar a instituição e não bater abaixo da cintura, as pouquíssimas pessoas, entre literalmente milhares, que ficaram contra reprovavam o “desrespeito” ao presidente. Que desrespeito? Dizer, como cidadão livre e por acaso autor de uma coluna semanal, o que penso, dentro dos limites da civilidade, é algum desrespeito? (O Globo, 10/03/02)

(12)

No entanto, foi um governo louvado e lambido pelos entendidos, pela mídia em geral, pelos meios acadêmicos. Pela mesmíssima turma que agora se engalfinha num mata-esfola contra Lula, numa competição lamentável **onde** cada um pretende colocar na cabeça a coroa do mais indignado, do mais furioso contra os erros e descaminhos do atual governo. (Folha de São Paulo, 22/11/05)

(13)

E é óbvio que pessoas não deveriam poder ser mantidas presas "ao arrepio da lei", para empregar outra expressão cara aos "operadores do direito". Assim sendo, é difícil questionar a legalidade das decisões de Machado.

Por outro lado, porém, parece mais do que claro que a "solução" apresentada pelo magistrado, **em que** pese preservar direitos individuais dos presos, cria, sobretudo se generalizada, um problema potencialmente sério para a segurança pública, que é um direito social nos termos do artigo 6º da Carta. Um dos condenados soltos por Machado não perdeu muito tempo antes de voltar a delinquir, estuprando uma mulher. (Folha de São Paulo, 01/12/05)

(14)

Mas sobre a Europa do presente, o sábio George está equivocado. Não apenas pelo declínio cultural que a Europa conheceu depois da Segunda Guerra Mundial, quando o "espírito do tempo" emigrou para Nova York, e não mais para Londres ou Paris. Mas porque na Europa, e sobretudo na Europa dos cafés, dificilmente encontramos o ambiente físico e espiritual que Steiner retrata. A vida intelectual é hoje essencialmente solitária e privada, **onde** os escribas vão cultivando os seus feudos, e os seus ódios, sob a luz triste da existência suburbana. E sobre beber ou fumar, a maioria dos cafés do continente já foi abolindo o último vício, esperando-se que se ocupe agora do primeiro. Os cafés da Europa serão, a prazo, jardins infantis. (Folha de São Paulo, 07/08/06)

A hipótese era de que as variantes retomavam, em sua maioria, categorias cognitivas que fossem representadas por SNs, porque, dentro da proposta de Azeredo (2000: 89), "Chamam-se adjetivas as orações que, introduzidas por um transpositor anafórico, modificam um nome ou um pronome. Elas podem vir integradas no SN, como adjunto, ou logo após ele, como um aposto". Essa hipótese se comprovou através da análise do fenômeno, e pode ser conferido na tabela abaixo, nos quais podemos visualizar os números a que chegamos:

Constituinte Retomado	Onde		SPreps		Total	
	No.	%	No.	%	No.	%
Sintagma Nominal	126	52	114	47	240	90
Oração	11	42	15	57	26	9
Total	137	51	129	48	266	

Tabela 4: as variantes de acordo com o constituinte retomado.

Em relação ao constituinte retomado pelas variantes, ou seja, se houve a retomada de um Sintagma Nominal (SN = Det. + Nome) ou de uma oração, verificamos que do universo das 266 orações selecionadas, 240 foram de ocorrências em que houve a retomada de Sintagmas Nominais, correspondendo a 90% (240/266), distribuídas da seguinte maneira: 52% (126/266) de *onde*; 47% (114/266) de *SPreps*. Em se tratando da retomada a outra oração, houve 26 ocorrências, equivalendo a 9% do universo avaliado, ficando assim distribuídas: 42% (11/26) de *onde*; 57% (15/26) de *SPreps*.

Apesar da diferença entre as células serem pequenas, podemos observar que as construções com *onde* tendem a retomar *Sintagmas Nominais* e os *SPreps* orações.

#### 2.4) O tipo de preposição em relação às variantes

Esse grupo de fator pretende investigar o tipo de preposição que ocorreu em relação às variantes. Os exemplos que serão mostrados a seguir contemplam a possibilidade ou não de alternância, e revela qual a preposição que facilita ou bloqueia os usos com as construções com *onde*. Os exemplos (15); (16); (17); (18) e (19) demonstram essa possibilidade de alternância, enquanto nos exemplos (20); (21) e (22) é descartada a possibilidade de intercâmbio:

(15)

Para minha surpresa, o que recebi como resposta aos meus anseios foi aquela famosa frase '- Sente aqui que precisamos conversar...' Um calafrio correu em minha espinha e o inimaginável aconteceu. Ela decidiu que cada um iria em direção oposta ao outro. A decepção tomou conta de mim, pois aquilo que de bonito havia em minha vida, transformou-se em frustração. Eu me senti com a dor causada pelo fracasso gigantesco na Copa. Do alto de meus 37 anos, vejo que sou apenas mais um refém da situação caótica **em que/onde** vivemos neste País de Ladrões, Políticos Corruptos e Governantes Marionetes... (O Globo, 11/07/06)

(16)

E Bandeira responderia: "Estão todos dormindo, dormindo profundamente". Aliás, pior, foram dizimados, razão pela **qual/ onde**, aprendo num livro de Maria Eliza Carrazoni, que dona Maria Jacome de Melo, fazendo uma campanha em 1646 para que parassem de matar índios, doou terreno para a construção da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. E vai ser outra lendária mulher de Paraty, dona Geralda Maria da Silva, que no século XVIII solta a grana para a construção da matriz que acolhia "todas as camadas sociais do município durante o Império". Dizem que ela era filha de um corsário, e queria com essa obra expiar os pecados da família. (O Globo, 24/01/01)

(17)

A primeira providência, claro, pois, mesmo que não conste do projeto original, outro parlamentar não deixará de propor a emenda, será criar a Agência Nacional de Registro de Animais Domésticos, **cujos/onde** cargos se preencherão criteriosamente, na próxima ocasião em que o governo precisar de votos na Câmara ou no Senado. Gerar-se-ão empregos e empregos a mancheias, bem como investimentos em instalações e equipamentos — injeção na economia. Aliás, a carência de pessoal e material será tamanha que a arrecadação da taxa, nos primeiros anos, se verá forçosamente absorvida pela cobertura, ainda que retroativa, desses custos. (O Globo, 12/09/04)

(18)

O país está num momento crucial de sua história. A democracia já está razoavelmente consolidada e as instituições já não ruem com um sopro. É hora de decidir se o Brasil vai tornar-se uma República de fato, **onde** todos são iguais perante leis que são para valer, ou se vai continuar como uma republiqueta pouco séria **em que/onde** o Judiciário é a arma que os poderosos utilizam contra seus inimigos políticos e com a qual mantêm sob relativo controle o imenso exército de pretos, pobres e desesperados. (Folha de São Paulo, 01/12/05)

(19)

Mas não é apenas uma ressurreição. É uma resposta: a mais simples e bela resposta do cinema moderno. Podemos não encontrar um sentido de vida, um sentido para a vida, o caminho célere para a felicidade ideal, como as teologias descartáveis prometem de porta em porta. Mas existem pequenas ilhas de felicidade, **por onde/ pelas quais** vamos saltitando como naufragos perdidos. São estas ilhas que dão alento no caos que nos consome. (Folha de São Paulo, 28/11/05)

(20)

Eu vou te dar um exemplo de uma depressão muito grave para você entender a graduação. A maioria dos casos de depressão a gente chama de leve, que é sobre o que nós falamos há pouco, os sintomas que citei. Quando a coisa começa a complicar? Há alguns casos **em que** o indivíduo tem idéias delirantes, que são juízos falsos. Existe uma síndrome, que a gente chama síndrome de Cotard, durante a qual o indivíduo passa a se sentir tão mal que ele acredita que não tem o esôfago. Claro que é um falso juízo: se ele não tem o esôfago, ele não pode se alimentar, entendeu? E isso é gravíssimo, porque nesses casos a depressão não se trata somente com remédio, esses são casos em que, por exemplo, poderiam se beneficiar de um tratamento de eletrochoque. (Folha de São Paulo, 26/08/06)

(21)

Pensei muito antes de decidir escrever esta cartinha, **para a qual** busquei inspiração em uma que fiz mais de 40 anos atrás, sob os cuidados da querida professora Benedita Célia, lá do grupo escolar da Vila Esperança.

Lembrei-me de que, naquela ocasião, tive de ler a carta, porque seu analfabetismo impedia que pudesse fazê-lo sozinho. (Folha de São Paulo, 12/08/06)

(22)

Se alguma coisa ficou variegada e polimorfa no País foi a mentira - nossa tradição ibérica que essas caras todas honram e preservam. Já tivemos brados de honradez, socos nas mesas, babas indignadas nas negações em tribunais, hipócritas lágrimas de esguicho, punhos batidos no peito e clamores a Deus, mas hoje temos a maneira petista de mentir, que muito enriqueceu esse torto sentimento. Mentira para eles é uma tarefa revolucionária, apenas uma necessidade da ação e luta, mentir é um dever, quase uma honra, um pécadilho para a grandeza de sua missão. É uma mentira necessária dentro de uma mentira maior, em torno **da qual** o Lula orbita, como um astronauta populista, flutuando graças a ignorância da população. (O Globo, 11/04/06)

Quando fizemos o intercâmbio entre as variantes e verificamos que a preposição *em* facilitava o uso com a variante *onde*.

Além do mais, podemos verificar, na tabela a seguir, os resultados quanto ao tipo de preposição que ocorreu em relação às variantes:

Preposição	SPrep		Onde		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>em</i>	95	43	121	56	216	81
<i>pela</i>	11	100	0	0	11	4
<i>cujo</i> <sup>4</sup>	9	100	0	0	9	3
<i>com</i>	4	100	0	0	4	1
<i>por</i>	0	0	5	100	5	1
<i>a</i>	2	100	0	0	2	0
<i>para</i>	2	66	1	33	3	1
<i>de</i>	6	37	10	62	16	6
Total	129	48	137	51	266	

Tabela 5: as variantes e o tipo de preposição

<sup>4</sup> Caracterizamos o “cujo” dentro das preposições, mesmo sendo um pronome relativo variável, devido à idéia semântica que carrega de ser: “*a um tempo, relativos e possessivos, equivalente[s] pelo sentido a “do qual”, “da qual”, “dos quais”, “das quais”, “de quem”, “de que”. Emprega[m]-se apenas como pronome adjetivo e concorda[m] com a coisa possuída em gênero e em número*”. Cunha & Cintra (1985: 341).

De acordo com a tabela, a maioria das ocorrências se deu com a preposição *em* 81% (216/266) distribuídas da seguinte maneira: 43% (95/216) quando a variante foi o *SPrep*; 53% (121/246) quando foi o *Onde* (lembrando da possibilidade de intercâmbio entre o *onde* e a preposição possível de troca). As outras 50 ocorrências ficaram distribuídas em usos com: *pela* 100% (11/11) com *SPreps*; *cujo* 100% (9/9) com *SPreps*; *com* 100% (4/4) com *SPreps*; *por* 100% (5/5) com *Onde*; *a* 100% (2/2) com *SPreps*; *para* das 3 ocorrências (1%) 2 ocorreram em orações com *SPreps* e 1 com *Onde*; com a preposição *de*, que correspondeu a 6% (16/300), 6 se deram com *SPreps* e 10 com *Onde*. O gráfico a seguir ilustra essas ocorrências:

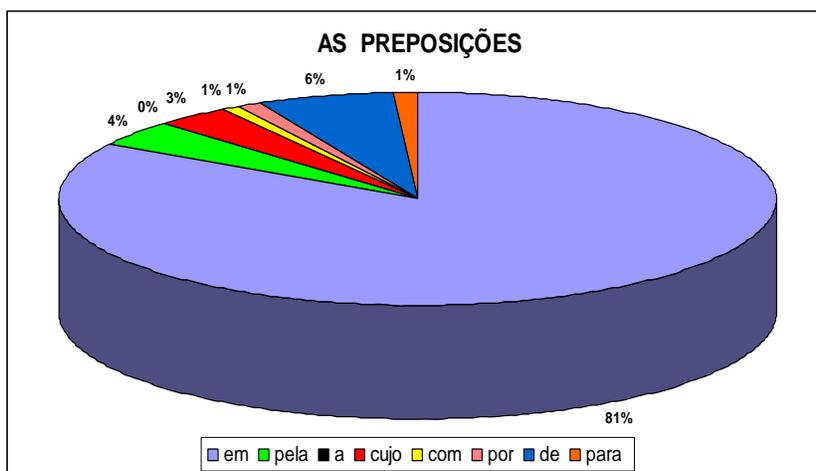


Gráfico 2: as variantes e o tipo de preposição

A tabela e o gráfico mostraram que a preposição *em* é potencialmente a mais recorrente. Um estudo diacrônico das preposições poderá responder se o contexto da preposição *em* já era o mais produtivo na época do português arcaico. Por ora, identificamos, de maneira intuitiva, fazendo a alternância entre as variantes (chegando aos números da tabela acima), que há tal facilitação quando da utilização daquela preposição.

## 2.5) A relação categoria cognitiva retomada pela variante e o tipo de relação (hipotaxe e encaixamento)

Nesta subseção trataremos de dois grupos de fatores: a categoria cognitiva a que nossa variante faz remitência (locativo e não-locativo) e tipo de relação entre orações em que assomou nossa variante, com o intuito de verificar que categoria cognitiva era mais freqüente e em que tipo de oração.

Quanto à análise da categoria cognitiva retomada pela variante e o tipo de relação entre orações (encaixamento e hipotaxe), em que assomou a variante, chegamos aos seguintes resultados, como podemos ver na tabela que se segue:

Tipo de Oração	Categoria Cognitiva	SPrep		Onde		Total	
		No.	%	No.	%	No.	%
Hipotaxe	Não-locativo	20	49	21	51	41	15

	Locativo	1	5	21	95	22	8
Encaixamento	Não-locativo	98	63	58	37	156	58
	Locativo	10	21	37	78	47	17
Total		129	48	137	51	266	

Tabela 6: a categoria cognitiva retomada pelas variantes e o tipo de relação entre orações

A tabela nos mostra que, por processo de *hipotaxe* 49% (20/41) se dão através de *SPreps não-locativos* e 5% (1/22) como *locativos*. Em relação ao *onde* 51% (21/41) foram *não-locativos* e 95% (21/22) em retomada *locativa*. Nas orações por *encaixamento* o *onde não-locativo* correspondeu a 37% (58/156); em referência a *locativos* a variante *onde* ficou disposta da seguinte maneira: 78% (37/47). Em relação aos *SPreps* 63% (98/156) são *não-locativos* e 21% (10/47) corresponderam a *lugar*.

Em relação à variante *onde* percebemos uma maior ocorrência quanto à utilização *locativa* e *não-locativa* através da relação por *hipotaxe*. Quanto aos *SPreps* a percentagem foi maior quanto a entidades *não-locativas*. Dentro da relação por *encaixamento*, a variante *onde*, em se tratando de retomadas a entidades *não-locativas*, obteve um número menos expressivo; em relação à retomada a entidades *locativas* esse número foi bem maior. Quanto aos *SPreps* podemos observar que, por processo de *encaixamento*, a retomada a entidades *não-locativas* foi significativamente maior. Esse comportamento dos *SPreps* já é esperado, pois sua função é a retomada de entidades *não-locativas*.

## 2.6) O *onde* “latente”

Das 300 orações selecionadas dos mencionados jornais, 34 ocorrências foram de um tipo específico de *onde*. Este tipo estava presente nas orações, mas não apresentava nenhum tipo de constituinte explícito a ser retomado. A esse *onde* chamamos de *onde “latente”* (Cf. Rocha Lima, 1991), pois apesar de não retomar nenhuma entidade explícita, deixava entrever o potencial de significado, fosse *locativo* fosse *não-locativo*. Deixamos claro que, ao colocarmos as aspas (“latente”), estamos sublinhando nosso desconforto quanto à caracterização deste pelas Gramáticas Tradicionais, porque o referido termo, para as mesmas, refere-se somente aos usos que denotem lugar físico. Os exemplos, a seguir, ilustram essa configuração chamada de “latente”, que inclui não somente as inferências a lugar (exemplo (23)), mas, também, a entidades *não-locativas* (exemplo (24); (25) e (26)):

(23)

Tenho verdadeira fascinação por essa gente desconectada que anda solta pelas ruas ou por baixo das pontes e marquises. Não uma fascinação prazerosa, claro, mas uma curiosidade meio antropológica, meio psicológica, meio que uma identificação de fundo com aqueles que não sabem **de onde** vêm nem **para onde** vão. (Folha de São Paulo, 14/01/06)

(24)

Mergulhei na espantosa beleza da cidade e nas obras da Renascença que atulham aquela antiga República do comércio entre o Oriente e o Ocidente e bateu-me a verdade óbvia: a grande obra de arte só floresce **onde** há dinheiro. Sim, puros românticos, nos palácios dos Doges, nas igrejas bizantina-cristãs, nos tetos, portais, afrescos, em tudo jorram as encomendas da vaidade dos poderosos ou dos sacerdotes de Deus, que empresavam as oficinas de artesãos, comandadas por

gênios como Tintoretto, Veronese, Ticiano. Fiquei dias dentro da Scuola Grande di San Rocco, na Academia, tudo. (O Globo, 11/11/03)

(25)

A ausência de "outro lado" no trecho mostrado no "Jornal Nacional" não me parece questão central, porque:

a) na apresentação integral, feita no "Globo Repórter" hora e meia depois, havia "outros lados" em profusão;

b) se faltou o do prefeito (a emissora diz que ele lhe escapou; ele diz que tentou, sem sucesso, ser ouvido), vale ponderar que Pitta já havia dado sua versão para praticamente todos os episódios abordados. O correto seria tê-lo colocado no programa, mas isso não significa que sem ele a exibição deveria ter sido suspensa.

Como costuma ocorrer nesse gênero de polêmica, é difícil definir **onde** termina a discussão sobre princípios do jornalismo e começa o ressentimento puro e simples pelo furo tomado.

O problema da abordagem novelesca é que ela pode servir bem à TV, mas não leva a Folha a lugar nenhum. (Folha de São Paulo, 11/06/00)

(26)

Já lá se vão cinco anos quando pela primeira vez, aqui neste mesmo espaço, foi dada a partida para uma onda de protesto contra a praga do gerúndio que então se estabelecia no país.

Sabe-se lá vinda **de onde**, provavelmente da tradução mal feita de manuais americanos de telemarketing, a série de acintes contra a língua portuguesa era ampla e variada: vamos estar mandando sua encomenda amanhã, vou estar transferindo esta ligação, o senhor pode estar vindo aqui?, esta mercadoria só vai estar chegando na próxima semana. (Folha de São Paulo, 19/11/05)

A partir dos exemplos mostrados, apresentaremos a tabela que se segue, nos quais poderemos verificar a que tipo de categoria esse *onde* "latente" faz alusão:

Categoria Cognitiva	Onde "latente"	
	Nº	%
Não-locativo	19	55
Locativo	15	44
Total	34	

Tabela 7: o *onde* "latente"

Dos 34 dados, 44% (15/34) se mostraram com potencial locativo – conferir exemplo (23). Entretanto, 55% (19/34) aludiram a entidades não-locativas, como podemos observar nos exemplos (24), em que podemos fazer uma leitura locativa, mas, também, podemos inferir a alusão à *pessoa* (quando há uma pessoa que possa fomentar a grande obra de arte), à *idéia* (um lugar mental em que haja dinheiro para que se possa fazer com que a obra de arte floresça) e à *ocasião* (a ocasião propícia para que haja dinheiro para a grande obra de arte florescer); no exemplo (25), em que vimos emergir a alusão à discussão ou polêmica e, também, no exemplo (26), no qual vislumbramos a emergência de significado em "a praga do gerúndio", fazendo alusão à *tradução*, que seria o lugar de onde vêm os gerundismos.

Esses usos aos quais chamamos de *onde* "latente" foram contemplados em nossa análise porque queríamos tratar todas as ocorrências com *onde*, inclusive, aquelas que não

possuíam um referente a ser retomado, mas que nos chamaram a atenção, por várias ocasiões, já deixavam entrever seu caráter não-locativo (no sentido pleno da palavra, aquele em que possamos adentrar fisicamente).

Esse *onde* “*latente*” ainda precisa ser mais bem explorado, no sentido de que faltam explicações e estudos mais fecundos, para a utilização desse *onde* sem um antecedente, ou seja, sem um SN determinado. Quanto a essa discussão, deixaremos para mais tarde, pois a delimitação do trabalho, por ora, nos impede de fazê-la.

Na próxima seção passaremos às considerações finais acerca dos complexos oracionais constituídos pelas nossas variantes.

### 3) Considerações Finais

Estudando o complexo oracional integrado pelas orações com *onde*, no intuito de identificar as propriedades gramaticais associadas ao seu uso em retomadas anafóricas a categorias não-locativas, que, estão sendo recorrentes na nossa língua, baseamos nossa análise em Halliday (1985). Assim, chegamos a algumas conclusões:

- A maioria dos dados com *onde* tendeu a ocorrer em orações não-restritivas, ou seja, por *hipotaxe* (51%);
- Em orações restritivas, por *encaixamento*, a concentração de *onde* foi menor (37%);
- A maioria das ocorrências com as variáveis ocorreu na função de adjunto;
- As funções de complementos de verbos como *morar*, *viver*, *residir*; corresponderam a 5% (16/300) dos dados;
- A função de complementos de verbos de deslocamento espacial correspondeu a 6% (20/300) das ocorrências.
- Em relação ao constituinte retomado pela variante, verificamos que 90% (240/266) retomaram um Sintagma Nominal; 9% (26/266) retomaram uma outra oração.
- Quanto ao tipo de preposição com que ocorreu a variante verificamos que a esmagadora maioria das ocorrências se deu com *em* 81% (216/266). As outras 50 ocorrências (19%) ficaram distribuídas em usos com: *pela*, *cujo*, *com*, *por*, *a*, *para* e *de*;
- Em se tratando da categoria cognitiva retomada pela variante *onde* e o tipo de relação (*encaixamento* e *hipotaxe*) verificamos que o *onde não-locativo* tendeu a ocorrer por *hipotaxe*, correspondendo a 51%; quanto à relação por *encaixamento*, o *onde não-locativo* ocorreu com 37%. Em retomada a *lugar*, 95% se deram com *onde* nas orações por *hipotaxe* e 78% nas orações por *encaixamento*.
- Os usos com *onde* “*latente*” foram contemplados em nossas análises e corresponderam a 11% (34/300) das ocorrências, sendo que aferimos o uso de 55% a alusões não-locativas, contra 44% locativas.

Uma vez caracterizado o complexo oracional constituído pelas nossas variantes, constatamos que todas as ocorrências corroboram a proposta de Halliday (1985), ou seja, as orações adjetivas instanciam uma relação lógico-semântica de elaboração, já que as mesmas reformulam, especificam, ou comentam a oração principal. Como, no exemplo (19): (...) Mas existem pequenas ilhas de felicidade, por onde vamos saltitando como náufragos perdidos. (...); em que vemos a especificação da ilha (*pequenas ilhas de*

*felicidade*), e um comentário acerca dessas ilhas (*por onde vamos saltitando como náufragos perdidos*).

Os usos com as construções com *onde*, em retomada anafórica a categorias cognitivas não-locativas, são cada vez mais recorrentes, nos mais variados gêneros textuais, o que podemos explicar através da teoria das redes polissêmicas (Cf. Manfili: 2003 e 2007), na qual identificamos que as construções com “*onde*”, na escrita culta, atua em uma rede polissêmica (de expansão radial), a partir da noção central de espaço físico [+ concreto] até concepções metafóricas mais abstratas.

Neste artigo, queríamos identificar quais eram seus contextos oracionais e por quais processos essas orações se vinculavam. Esperamos, portanto, ter aberto caminho para futuros e empreendedores estudos acerca destas construções.

### 3) Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.
- CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO & MOURA. *Gramática*. 12ª edição. São Paulo: Ática, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- MANFILI, K. C. *O processo de gramaticalização das construções onde: uma visão cognitivista*. Lato Sensus. Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Juiz de Fora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Uma Análise Funcionalista do Uso das Construções com Onde no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- LIMA, C. H. da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 35ª edição (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.